

**TÍTULO: OCUPAR COM ARTE: CINEMA NO CAMBRIDGE E A“ALMA DE BRONZE” DE VIRGINIA MEDEIROS**MARIANA AMALIA DE CARVALHO CASTRO E SILVA<sup>1</sup>*Fecha de recepción: 16/10/2020**Fecha de aceptación: 31/10/2020***RESUMO**

Processos artísticos somados a luta política permeiam os movimentos sociais ao longo da história. O atravessamento da sensibilização artística, presentes no movimento social Sem Teto do Centro (MSTC) na cidade de São Paulo no cotidiano de suas Ocupações Cambridge e Nove de Julho, são processos sutis da experiência e imaginação. Arte política expressa nas produções artística de Virginia Medeiros e no cinema de Eliane Caffé, possuem a potência de afetação que por vezes apenas o debate político não alcança.

**PALAVRAS-CHAVE:** Movimento Sem Teto do Centro - Arte política - Virginia Medeiros - Ocupação Cambridge - Ocupação Nove de Julho

**SQUATTING WITH ART: CINEMA IN CAMBRIDGE AND THE “SOUL OF BRONZE” BY VIRGINIA MEDEIROS****ABSTRACT**

Artistic processes added to political struggle permeate the social movements along the history. The crossing of artistic awareness, present in the social homeless movement, called by "*Sem Teto do Centro (MSTC)*" in the downtown area of São Paulo city, in the daily of the Cambridge and Nine of July squatting, are subtle processes of experience and imagination. The political art expressed in the artistic productions of Virginia Medeiros and in the cinema of Eliane Caffé, has the power of affectation, that sometimes, only the political debate is unable to achieve.

---

<sup>1</sup> Cientista Social pela Universidade Estadual de Maringá. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie e estudante de Antropologia pela Universidade Estadual de Campinas. Interesses: Antropologia urbana, arte e política e movimentos sociais. E-mail: mari\_amaliacs@hotmail.com

**KEYWORDS:** Homeless movement of the downtown - Political art - Virginia Medeiros - Cambridge squatting - Nine of July squatting.

### **OCUPA ARTE X ARTE OCUPA**

O fazer político dos movimentos sociais é orgânico e adaptável a diversas táticas de luta. É no debate coletivo que as experiências dos sujeitos confluem entre si e planos de ação são compostos. Os processos artísticos somam a luta política e atravessam movimentos sociais ao longo da história. Tanto na expressão estética da luta política como no estabelecimento de uma linguagem elaborada entre subjetividade e poiesis, movimentos de insurreição entre integrantes e espectadores.

Entre os anos de 2018 e 2019 durante minha pesquisa de mestrado de título: “TRAJETÓRIA DE LUTA DAS MULHERES DO MSTC: construção da imaginação sociológica” (SILVA, 2020), conheci o Movimento Sem Teto do Centro na cidade de São Paulo. As ocupações de imóveis abandonados no centro da cidade, são a principal tática de luta política do MSTC, porém o envolvimento com o campo artístico trouxe ao movimento um “aprofundamento” na expressão política: o ocupar com arte.

As Ocupações Cambridge e Nove de Julho pertencentes ao MSTC e localizadas na região central da cidade de São Paulo, estabelecem uma relação cultural e política, em que a expressão artística cria outras possibilidades na luta política do movimento. Em 23 de novembro de 2012, depois de quase uma década fechado, o MSTC ocupa o antigo Hotel Cambridge<sup>2</sup>, abrigando em torno de 170 famílias, cerca de 500 pessoas. Na Ocupação Cambridge a principal liderança social é Carmen Ferreira da Silva, ali ela administra e conduz as assembleias que decidem coletivamente os caminhos e percalços do morar no coletivo. É no Cambridge que Carmen inicia um processo que rompe com os moldes tradicionais do seu “fazer político” ao unir-se ao campo da arte.

---

<sup>2</sup> Construção do Hotel Cambridge data da década de 1950. O prédio está localizado na avenida Nove de Julho, região central da cidade de São Paulo.

## CINEMA NO CAMBRIDGE

Ao planejar seu novo filme em 2015 a diretora de cinema Eliane Caffé em parceria com a diretora de arte, arquiteta e pesquisadora Carla Caffé iniciam um processo artístico em busca do “cenário” de seu novo longa-metragem. Eliane Caffé descreve este processo:

Eis então que um dia, assistindo a um vídeo no *YouTube*, o tal contexto que nos faltava emergiu com toda força e riqueza de matizes. Tratava-se de uma reportagem sobre a dramática reintegração de posse de um edifício ocupado por trabalhadores sem-teto no centro de São Paulo. A ligação foi imediata: o que, afinal a maioria dos brasileiros certamente tem em comum com a maior parte da população de refugiados? A falta de moradia, a falta do cumprimento do direito a um lugar seguro e estável para equilibrar a alma e a família e suportar o caos cotidiano. (CAFFÉ, 2017, p. 235).

Com tema: “refugiados e moradia” definido, a diretora aliada à sua equipe de produção, parte em busca de lugares na cidade de São Paulo em que convivessem refugiados e brasileiros. Eliane revela que em suas buscas a idealização deste espaço era imaginário e para muitos inexistente. Procurando movimentos de moradia, Eliane encontra algumas lideranças do MSTC e se reúnem para tratar de seu projeto. Nesse primeiro encontro uma das lideranças era Carmen Silva, o interesse de estabelecer uma parceria foi recíproco.

Os processos interdisciplinares que envolveram as filmagens foram desencadeados por uma série de particularidades dos sujeitos envolvidos em confluência ao espaço comunitário que estavam trabalhando. É interessante notar que Carla Caffé a diretora de arte do filme é arquiteta, pesquisadora e professora universitária. Durante as filmagens na Ocupação Cambridge Carla levou seus alunos em uma espécie de laboratório para uma abordagem de ensino e pesquisa. A Ocupação Cambridge se tornou além do cenário do filme, um espaço de formação dos alunos de Carla e dos moradores, onde saberes foram trocados e o espaço coletivamente transformado.

A forma de trabalho de Eliane Caffé e Carla Caffé em contato com os integrantes do MSTC, cria um microcosmo político e artístico que nos retira do cotidiano de um habitar usual. No filme a Ocupação não seria mais um cenário como observamos em

outras produções onde os moradores participam como figurantes de cena. No filme de Eliane eles atuam e o que ocorre atrás das câmeras é a criação de um “laboratório” artístico e arquitetônico onde outros sujeitos são trazidos para a ocupação e o envolvimento entre subjetivo e estrutura acontece.

O envolvimento contextual que as irmãs Caffé proporcionam onde o set de filmagem não é apenas um cenário de atuação, mas um transbordamento do fazer colaborativo, prática esta que conflui com o viver comunitário e participativo que existe nas Ocupações do MSTC. As decisões são coletivas: a distribuição de tarefas e cuidado dos espaços.

Realizar um filme no Brasil não é tarefa fácil. As expressões artísticas assim como os movimentos sociais enfrentam processos de clandestinidade em conformidade ao contexto político que ela é produzida. A subjetividade artística entra em embate com a racionalidade sistematizadora, o sensível escapa ao utilitarismo, aliás temos que pontuar que diversos processos artísticos e obras transgridem seu tempo e permanecem em embates políticos dialogando com imaginário social.

A precariedade que o cinema brasileiro atravessa e o imaginário coletivo que a sociedade possui do campo artístico, incide com as questões de marginalização que os movimentos sociais enfrentam. Porém a arte se reinventa e do precário Eliane Caffé realiza de forma imaginativa um trabalho independente, inclusive os atores do longa são compostos pela mistura de profissionais e integrantes do MSTC.

Carmen Silva além de facilitar a realização do filme, segundo Eliane “tornou-se uma das mais fortes e belas personagens” (Caffé, 2017, p. 239). Na produção do filme na Ocupação Cambridge Carla Caffé junto com um grupo de estudantes de arquitetura, realizaram oficinas de vídeo (TV Cambridge) com as crianças, planejamento e construção de moveis com materiais reutilizáveis e pensaram os espaços.

O estabelecimento dessa rede de parcerias apresentou mutuamente a equipe e aos moradores da ocupação Cambridge novas possibilidades. Nas atividades, o contato com atuação, proporcionou a uma das ativistas Preta Ferreira, filha de Carmen, a consolidação de sua carreira artística, em que Preta incorpora a sua arte elementos de luta e participação no movimento social. A experiência artística e interdisciplinar ofereceu aos participantes possibilidades no imaginar. Acessar a ponte da “desprivatização do sonho” (ELIAS, 1995) e transformar este processo em expressão

artística é materializar a imaginação, com tons do eu e do coletivo, da subjetividade e da razão.

A peculiaridade das fantasias inovadoras na forma de obras de arte é que são fantasias que podem ser despertadas por materiais acessíveis a muitas pessoas. Em uma palavra, são fantasias desprivatizadas. Parece simples, mas toda a dificuldade da criação artística se revela quando alguém tenta cruzar esta ponte — a ponte da desprivatização. Também pode ser chamada de ponte da sublimação. Para dar tal passo, as pessoas precisam ser capazes de subordinar o poder da fantasia expresso em seus sonhos ou devaneios às regularidades intrínsecas do material, de modo que seus produtos estejam livres de todos os resíduos relacionados à experiência egóica. Em outras palavras, além de sua relevância para o eu, elas devem dar a suas fantasias relevância para o tu, o ele, o ela, o nós, e o eles. É para satisfazer tal exigência que as fantasias estão subordinadas a um material, seja de pedra, de cores, de palavras, de sons ou qualquer outro. (ELIAS, 1995, p. 61).

Ao não essencializar a obra de arte Elias (1995) realiza uma composição que cinge o eu e seus processos de concepção, a imaginação que mescla presente e coletivo. Utilizar esta ideia nos permite analisar os processos artísticos em face da luta política e social. Abrangência que a obra artística tem no âmbito midiático, proporciona a construção de uma intensa rede de apoio do concreto ao sensível, na luta dos movimentos sociais.

A forma de troca e participação estabelecida por Eliane e Carla Caffé, revela a necessidade da supressão do jogo político imposto que não permite em alguns grupos a participação efetiva dos sujeitos. Carmen em entrevista para Caffé revela a necessidade da experiência e participação efetiva na composição dos integrantes que transgrediram a posição de figurantes do processo artístico e “performaram” sua realidade retratada na película:

Desde 1997, o movimento passou por diversas fases, como a fase de aprendizado e a de experiências. O encontro com equipe de produção do “Era o hotel Cambridge” foi relevante porque já

tínhamos passado por outras experiências com artistas e com o próprio cinema. Não foi nosso primeiro filme. Teve O dia de festa, do Toni Venturi, o Brigadeiro 700, o Cidade concreto, o Estamos juntos, em que servimos de cenário... é sempre uma história que vinha de fora para dentro. (CAFFÉ, 2017, p. 253).

Na ocupação Cambridge a transformação não aconteceu apenas por parte dos moradores, mas como Caffé nos conta de sua experiência:

Acho que tudo nasceu do que a gente aprendeu na participação do movimento, no compartilhar das reuniões. A gente começou a entender o valor de uma ação participativa. Vimos e aprendemos como se dá a força de um coletivo, de uma comunidade. (CAFFÉ, 2017, p. 256)

No filme os embates da rotina dentro de uma ocupação são revelados nas diferenças entre refugiados e brasileiros. A distância da família, as dificuldades de encontrar trabalho, as divergências com poder público, aparecem ao longo da narrativa. Em um determinado momento como podemos observar na figura 1, uma assembleia convocada por Carmen discute o pedido de reintegração de posse da ocupação. Todos os presentes argumentam seu ponto de vista e um dos refugiados ali presente, ressalta que não podem ter embates com a polícia ou serão presos e deportados. Todos entram em atrito sobre participar de uma nova ocupação. Carmen intervém e diz “Todos somos refugiados”, afinal dentro da ocupação Cambridge além dos refugiados, os brasileiros ali presentes, são fruto em sua maioria da grande migração de nordestinos para cidade de São Paulo.



Imagem 1 - Moradores discutem em assembleia moradores desapropriação e uma nova ocupação. Fonte: Frame do filme “Era um Hotel Cambridge (2016).

Carmen conta em entrevista para o livro “Era o Hotel Cambridge” (2017), que antes do filme eles já recebiam os refugiados, mas o processo de estranhamento cultural afastava os demais moradores. Ao discutir a questão dos refugiados no filme, Carmen percebe as diferenças culturais como os entraves iniciais para aproximação entre moradores brasileiros e refugiados:

Uma das cláusulas principais do movimento é a não exclusão das pessoas. A gente não percebia que o refugiado tinha outra nacionalidade. Ele era detectado como mais um necessitado de moradia. O filme trouxe para nós a realidade de que a gente não tinha esse enfrentamento. (CAFFÉ, 2017, p. 259).

A inserção da arte política e participativa do cinema de Eliane Caffé, trouxe para o MSTC, através da presença de arquitetos a percepção estética do morar. Ao ocupar um prédio abandonado os integrantes dos movimentos de moradia possuem a prática de fechar as janelas com blocos ou tijolos para resistirem as 24 horas em que a ocupação é reconhecida, tempo decisivo para a permanência do grupo, porém observamos que mesmo após este tempo as janelas de muitas ocupações permanecem “lacradas”, fato

que chamou atenção de Carla Caffé durante as filmagens. Dialogando com Carmen e os demais moradores do Cambridge esta prática foi desconstruída e as janelas foram abertas. Este ato simbólico de abrir as janelas estabeleceu uma nova tática de luta do MSTC que foi abrir-se para seu entorno, prática intensificada na Ocupação Nove de Julho. Segundo Carmen ao se fecharem eles também se isolavam. Com o estabelecimento dessa primeira parceria artística e colaborativa o movimento MSTC inicia uma nova tática de luta: “a construção de uma rede” colaborativa.

Enfim, eu não sou atriz. Sou a Carmen que teve a oportunidade de ser dirigida e atuar e que vai fazer com que vocês também tenham uma oportunidade. O legado da oportunidade é o maior que o filme deixou. Com ela a gente pode cada vez mais aprovar algo para o outro e para si mesmo. (CAFFÉ, 2017, p. 262).

### **RESIDÊNCIA ARTÍSTICA CAMBRIDGE**

Entre março de 2016 e janeiro de 2017, após a finalização das filmagens do longa “Era um Hotel Cambridge”, os processos artísticos se intensificaram no MSTC. Um grupo de produtores culturais em parceria aos integrantes da Ocupação Cambridge lançam o edital do projeto “Residência Artística Cambridge”. A residência prevê permanência, onde o artista trabalha de forma intensiva, em produções individuais ou coletivas.

O ativismo político presente nas práticas artísticas é observável em importantes momentos históricos. O impacto simbólico que a arte provoca, sendo esta utilizada como “instrumento” da luta política proporciona visibilidade sobre questões sociais em grupos “invisíveis” para a sociedade<sup>3</sup>. Na Ocupação Cambridge, a residência artística, envolveu um convívio coletivo, entre artistas e moradores. O projeto realizou uma série de atividades em conjunto com os moradores, desde rodas de conversa e oficinas de vídeo. O contato entre artistas e moradores, transborda as atividades artística e se intensifica na rotina da convivência comunitária. O residir envolvia os cuidados que todos os moradores são responsabilizados ao ocupar. Essa relação produziu trabalhos que condensam experiências vividas pelos artistas em uma produção que permanece entre o concreto e o poético.

---

<sup>3</sup> O pesquisador André Mesquita em seu livro “Insurgências Poéticas: Arte Ativista e Ação Coletiva” pesquisa os processos da arte ativista e a experiência que foi a realizada na Ocupação Prestes Maia (2002 - 2007), onde artistas e coletivos se engajaram na luta pela moradia.



Escolhi dialogar com uma das integrantes da residência a artista Virginia de Medeiros, esta estava no projeto quando em 31 de outubro de 2016 a Frente de luta pela moradia (FLM) junto com o MSTC, ocuparam diversos prédios de forma simultânea<sup>4</sup> na cidade de São Paulo. Neste dia os moradores da Ocupação Cambridge desocupam o prédio e ocupam o Edifício Nove de Julho, atual Ocupação Nove de Julho também localizada na região central da cidade de São Paulo. A participação de Virginia nesta ocasião impacta sua produção artística e dialoga com as novas formas de existir da Ocupação Nove de Julho.

### **“A ALMA DE BRONZE” DE VIRGINIA MEDEIROS**

O projeto de Virginia Medeiros “Alma de Bronze” (2017) envolve registros fotográficos e áudio visuais da artista, realizados na Ocupação Cambridge e na Nove de Julho. Virginia viveu por três meses com os moradores do Cambridge, que posteriormente migraram para a Ocupação Nove de Julho. Seus registros têm como foco as mulheres, que são maioria nas ocupações. O feminino perpassa pela organização do movimento e do fazer político. O projeto de Virginia Medeiros foi composto pelo retrato de doze mulheres do movimento MSTC de caráter ficcional nomeado “Guerrilheiras”, junto à um vídeo documental sobre o processo de ocupação do prédio da Ocupação Nove de Julho e a videoinstalação “Quem Não Luta tá Morto (2018)”, composta por 12 vídeos que apresentam os depoimentos das mulheres participantes do projeto.

Em entrevista para revista *SelectArt*<sup>5</sup> Virginia conta que veio de Carmen Silva a inspiração para o nome de seu projeto: “Perguntei a Carmen, como a luta despertou em você? Carmen me disse que foi tomada por uma alma de bronze, assim como o poeta é tomado pela poesia”. O tema Guerrilheiras está presente na captura das imagens e no depoimento de cada mulher nos vídeos. As perguntas feitas pela artista no direcionamento do diálogo: “Você se considera uma guerrilheira contemporânea, uma mulher vitoriosa?” e “Qual é a sua ferramenta de força, de luta?”, provocam uma autorreflexão da trajetória de cada uma das ocupantes envolvidas no projeto.

---

<sup>4</sup> Está ação chamada conhecida como “outubro Vermelho” teve como objetivo chamar atenção do poder público para os espaços abandonados que poderia ter um uso social na cidade.

<sup>5</sup> Revista eletrônica *SelectArt* <<https://www.select.art.br/virginia-de-medeiros-alma-de-bronze/>>. Acesso em: 05 dez. 2019.

Os vídeos<sup>6</sup> mesclam imagens dos apartamentos das mulheres, com foco em seus objetos pessoais: como livros, porta-retratos, moveis. As decorações revelam particularidades de cada participante, as narrativas convergem o encontro pela necessidade do morar e a possibilidade de uma nova existência. Os perfis são diversos: mulheres que ao criarem sozinhas seus filhos tiveram dificuldades em arcar com os altos custos dos alugueis na cidade ou que saíram da região nordeste assim como Carmen Silva em busca de uma nova vida. As participantes falam sobre seu processo de entrada na luta pela moradia, como são recebidas pelo movimento e a “transformação” de suas biografias.

Destacamos a fala de Conceição, sua trajetória se assemelha de outras mulheres integrantes do MSTC. No vídeo<sup>7</sup> Conceição narra sua trajetória: “Saí da Paraíba com minha filha” ela diz que passou por muitas dificuldades morando em casa de parentes e com famílias que ela prestava serviço, Conceição chega ao movimento através do grupo de base.

Conceição destaca as dificuldades de participar do movimento e como seu empregador via sua participação. Sua atuação em atos públicos e reuniões, era estigmatizadas por notícias midiáticas. Ela relembra sua primeira ocupação no Edifício Nove de Julho. O dia de “Festa” como é conhecido, foi conduzido por Carmen Silva. Conceição conta que estava preocupada com muito medo, mas “Quando eu olhei, lá vinha a Carmen, sabe quando eu vi a Carmen ela passou pra mim aquela segurança, ela falou ‘Gente não se preocupa, ninguém vai mexer com vocês, entrem’<sup>8</sup>”. Conceição relata as ações de Carmen durante a ocupação do prédio.

A organização no ato de ocupar exige do grupo, uma logística rápida de acomodação e adequação para as necessidades básicas do grupo presente, Conceição no vídeo de Medeiros se emociona ao falar de Carmen, esta narrativa em torno da figura de Carmen é recorrente, ela aparece em outras narrativas da obra de Medeiros e nas produções artísticas realizadas na Residência Cambridge. Acredito que sua descrição soe por vezes imponente, porém no “jogo simbólico” dos papéis políticos o que se exige em termos de organização de Carmen talvez, ousar dizer não exigiriam de grandes lideranças históricas. Em suas pesquisas sobre “Mulheres e militantes” (2004) a antropóloga Miriam Goldenberg identifica as definições de caráter masculina ao papel do militante:

<sup>6</sup> Disponíveis em <<https://vimeo.com/virginiademedeiros>>. Acesso em: 06 dez. 2019.

<sup>7</sup> Disponível em <<https://vimeo.com/311223194>>. Acesso em 06 dez. 2019.

<sup>8</sup> Fala retirada da videoinstalação “Quem não luta tá morto (Conceição)” 13’ 2016 - 2018.

As representações existentes sobre o bom militante estão associadas a um tipo de atuação masculina: o domínio do discurso em grandes assembleias, a fala dura e impessoal, métodos de disputa extremamente agressivos, a distância das questões da vida familiar e doméstica. (GOLDENBERG, 2004, p. 134).

O espaço do feminino na luta política era o da “invisibilidade”, aquela que concedia apoio, que segundo Goldenberg é “escondida sob o rótulo de ‘mulher de’, ‘companheira de’ ou ‘filha de’” (2004, p. 131). Porém o movimento que luta pela moradia, reivindica um elemento concreto do existir em família: a moradia. A maternidade está ligada ao cuidado dos filhos, na “constituição” familiar, a mulher na sociedade patriarcal é responsável por tarefas domésticas e cuidados com todos os sujeitos envolvidos na dinâmica familiar, assim no movimento social específico de moradia elas são a maior parte e o seu fazer político enfrenta as barreiras da configuração simbólica dos papéis femininos e masculinos.

As histórias de vida das integrantes do MSTC, possuem elementos universalizantes da luta de mulheres. Em cada vídeo da instalação, observamos histórias que se cruzam e percalços que se repetem. Os processos de resgate da memória ao narrar as histórias de vida, é o lembrar do “tempo vivido” (BOSI, 1993, p. 281). O conjunto de todas as falas sobre a trajetória das “Guerrilheiras” de Medeiros constituem a memória coletiva no MSTC, as falas são elaborações entre passado e presente com “toques de realidade”:

A comunidade familiar ou grupal exerce uma função de apoio como testemunha e intérprete daquelas experiências. O conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos de escolha e rejeição em relação ao que será lembrando. (BOSI, 1997, p. 281).

As lembranças registradas pela artista Virginia Medeiros, possuem particularidades de cada mulher, como a escolha de lembrar sua entrada no movimento e o dia em que fez sua primeira ocupação ou de sua trajetória como “alguém que luta”. O que está presente nas falas de forma coletiva é a entrada no movimento pela necessidade e como a vida comunitária transformou as possibilidades de ação de cada mulher.

Os vídeos não compõem apenas narrativas autobiográficas eles constituem uma obra artística, portanto a formulação de cada mulher é provocada pelas perguntas da artista. Suas narrativas biográficas são construídas enquanto guerrilheiras, lutadoras por toda precariedade que já enfrentaram. As guerrilheiras estão em um movimento social reivindicando o direito à moradia, em suas narrativas apresentam-se elementos da “evolução da pessoa no tempo” (BOSI, 1997, p. 283) é revelada.

O que Bosi (1997) define como “evolução da pessoa”, relacionamos aqui com o processo de imaginação sociológica (MILLS, 1982). O reconhecimento que o sujeito realiza de sua biografia em contraponto a perspectiva meritocrática da sociedade capitalista, onde o sonho da casa própria transformado em mercadoria pudesse jamais ser alcançado, é um processo “naturalizado” nas críticas e censuras que as mulheres do MSTC recebem da sociedade. Quando entram no movimento e constroem uma formação política, as guerrilheiras realizam um exercício de desnaturalização de suas realidades, elas alcançam um exercício de razão e liberdade.

A subjetividade do trabalho artístico impulsiona o exercício de imaginação no “outro”, além das integrantes do projeto darem seu depoimento e terem suas imagens registradas, o trabalho posteriormente é exposto em diversos museus e lugares públicos. Escutar essas mulheres, observar seus rostos, conhecer suas histórias é um potente instrumento no reconhecimento do movimento social. O trabalho de Virginia Medeiros foi exposto no dia 1º de setembro de 2018, pela primeira vez na Ocupação Nove de Julho. A seguir estão algumas imagens da exposição.



Imagem 2 - Quem Não Luta Tá Morto, videoinstalação, 1h56', 12 vídeos de 13' Fonte: Retirada do site da artista: <<http://virginiademedeiros.com.br/obras/alma-de-bronze/>>. Acesso em: 20 dez. 2019.



Imagem 3 - Série Guerrilheiras: Elisabete. 12 fotografias sobre papel *Photo Rag* 308 gsm *Hahnemuhle* 100% algodão, 96 x 66 cm. Fonte: Retirada do site da artista: <<http://virginiademedeiros.com.br/obras/alma-de-bronze/>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

A videoinstalação “Clamor” (2019) é um desdobramento da instalação “Alma de bronze”. A princípio ficou exposta no Instituto Tomie Ohtake, na cidade de São Paulo. As fotos anteriores da série “Guerrilheiras” junto aos depoimentos são substituídos por vídeos quase estáticos das mulheres do MSTC, que encaram a câmera em silêncio, no ambiente som de tambores ecoam, nas paredes registros sobre o MSTC, partes do processo que Carmen Silva sofreu em 2018 e foi inocentada e no centro uma mesa, onde Virginia Medeiros realizou ativações, com a presença de mulheres do MSTC, parceiros e pesquisadores dos movimentos sociais.



Imagem 4 - Videoinstalação Clamor, de Virginia de Medeiros, 2019, no Instituto Tomie Ohtake. Fonte: <<https://revistazum.com.br/radar/alma-de-bronze/>>. Acesso em 20 dez. 2019.

Em uma dessas ativações com nome “Atravessando deserto e bem-aventuranças”, no dia 18 de setembro de 2019, estive presente, foram discutidos os percalços da luta pela moradia. Representantes envolvidos com a reforma da Ocupação Cambridge, relataram a situação do programa público habitacional “Minha casa, minha vida” em contraponto ao relato de uma das mulheres participantes do projeto de Virginia Medeiros. Neste dia foi a costureira Maria das Neves, que relatou sua história no MSTC. Durante a ativação

foram feitas perguntas e a mediação de Medeiros em contraponto a sua própria experiência com MSTC.

A arte de Virginia Medeiros é um componente interessante na ocupação artística que atravessa e constitui a Ocupação Nove de Julho. Medeiros ao expor seu projeto primeiro na Ocupação faz um caminho reverso em que as diferenças entram no museu, mas o objeto artístico se distancia do subjetivo capturado. A perspectiva da artista e como esta compõe o imaginário de seus trabalhos incide na forma em que estes são produzidos e expostos, sem perder o caráter da subjetividade, eles são políticos, correspondem ao que Virginia Medeiros compreende como arte e seu papel no mundo.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O atravessamento da sensibilização artística, que estão presentes nos espaços das Ocupações Cambridge e Nove de Julho, são processos sutis da experiência e imaginação que a arte provoca. Estes podem ser percebidos na tessitura da biografia das mulheres integrantes do MSTC e nas mudanças que esta sensibilização artística provoca nas ocupações. Novos atores integram atualmente o movimento MSTC, são eles: cineastas, produtores artísticos, artistas e escritores, estes são de forma orgânica influenciados e influenciadores no espaço que ocupam.

Trazer a poética e liberdade da expressão artística como elemento de luta política é permitir a troca em que artistas ativistas elaboram em conjunto aos sujeitos políticos uma estética que comunica para além da linguagem tradicional da luta política dos movimentos sociais. Ocupar e morar com arte nas ocupações do MSTC é expandir as possibilidades de luta política e expressão desta experiência, que é única dentro da perspectiva capitalista que cerceiam atualmente artistas e integrantes de movimentos sociais. A arte oferece a linguagem ao movimento dentro do caos, sua expressão nas produções de Virginia Medeiro ou de Eliane Caffé, carregam processos de imaginação em uma rede que atravessa seus frequentadores nômades sendo no concreto ou em espaços “*online*”, esta possui uma potência de afetação que por vezes apenas o debate político não alcance. As ações artísticas caminham em um exercício entre contexto histórico e subjetividades dos sujeitos, incorporam experiências de trajetórias e respondem aos enfrentamentos.

**BIBLIOGRAFIA**

Bienal de arquitetura de Chicago (2019). Carla Caffé, Estúdio 9 de Julho + MSTC e O grupo inteiro Org. Disponível em: <<http://www.escoladacidade.org/wp/wp-content/uploads/MSTC-Moradia-Como-Pratica-de-Cidadania-2019.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2019.

Bosi, Eclea (1987). *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 2a ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.

(1993). *A pesquisa em memória social*. Psicologia USP, 4 (1-2), 277-284.

De Certeau, Michel (2008). *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.

Elias, Norbert (1995). *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Caffé, Eliane (2016). *Era o Hotel Cambridge São Paulo*: Vitrine Filmes (99 min).

Gohn, Maria da Glória. (2008). *O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias*. 2. ed. São Paulo: Cortez.

(1997). *Teorias dos movimentos sociais*. Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola.

Goldenberg, Mirian. (2004). *De perto ninguém é normal*. Rio de Janeiro: Record.

(1995). *Toda mulher é meio Leila Diniz*. Rio de Janeiro: Record.

Mills, Charles Wright. (1982). *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.

Medeiros, Virginia (2018). *Quem não luta tá morto*. Videoinstalação composta por 12 vídeos que apresentam os depoimentos de mulheres do movimento MSTC. Disponível em: <<https://vimeo.com/virginiamedeiros>>.

SeLect. 22 de setembro de 2016. Disponível em: <<https://www.select.art.br/residencia-artistica-cambridge-vozes-plurais/>>. Acesso em: 29 ago. 2019.

21 de maio de 2018. Disponível em: <<https://www.select.art.br/virginia-de-medeiros-alma-de-bronze/>> Acesso em: 30 ago. 2019.

SILVA, Mariana A. C. C. (2020). *Trajetória de luta das mulheres do MSTC: Construção da imaginação sociológica*. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Suplemento Pernambuco (2020). <https://www.suplementopernambuco.com.br/entrevistas/2425-entrevista-carmen-silva.html> Acesso em: 28 fev.